

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO MODO DE TRABALHAR A LEITURA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Jaiane Martins da Silva¹

Resumo: O presente artigo propõe um estudo que busca compreender como a como a contação de histórias no processo da prática didática pode estimular professores e alunos a trabalharem a leitura de forma lúdica na sala de aula. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa bibliográfica por ser elaborada com base em materiais já publicados. Dentre a base teórica selecionada, foram pautados os estudos nos textos de autores como: Antunes (2003); Cosson (2014); Freire (1989); Rangel (2009) e Yunes (2015), entre outros que deram suporte, embasamento teórico a fim de reforçar os argumentos do presente trabalho. Partindo do pressuposto que a escola, muitas das vezes, possui uma prática de leitura mecanizada e esvaziadas de sentidos, usada apenas para fins quantitativos, fazendo com que a metodologia adotada pelos professores afeta diretamente o processo de aprendizagem dos educandos, tanto no que se refere à leitura e escrita, quanto à oralidade. Essa pode ser empregada no contexto escolar tendo como foco despertar conhecimentos e maior interesse pela leitura através da contação de histórias. É possível afirmar que trazer a contação de histórias para as aulas é representar sujeitos que por vezes foram silenciados nos meios escolares e acadêmicos por não privilegiarem a escrita, mas sim a oralidade como principal meio de transmissão de seus saberes.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Ensino-Aprendizagem. Leitura.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira.

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe compreender como a contação de história no processo da prática didática pode estimular professores e alunos a trabalharem a leitura de forma lúdica na sala de aula. Partindo do pressuposto que a escola, muitas das vezes, possui uma prática de leitura mecanizada e esvaziadas de sentidos, usada apenas para fins quantitativos, fazendo com que a metodologia adotada pelos professores afeta diretamente o processo de aprendizagem dos educandos, tanto no que se refere à leitura e escrita, quanto à oralidade. Essa pode ser empregada no contexto escolar tendo como foco despertar conhecimentos e maior interesse pela leitura através de textos que aproxime o aluno da realidade e cultura a qual esteja inserido aplicando a ludicidade e a própria manifestação artística literária. Dessa forma, este trabalho, de abordagem qualitativa, propõe a seguinte pergunta: de que forma a contação de enquanto prática didática pode estimular a prática de leitura dos estudantes na sala de aula?

Para responder a esta pergunta, inicialmente foi adotado como procedimento metodológico a revisão bibliográfica que sustenta os argumentos que serão discutidos na composição desse estudo. A base teórica selecionada para dar embasamento teórico e metodológico ao processo de construção do trabalho foram pautados nas obras dos teóricos: Antunes (2003); Cosson (2014); Freire (1989); Rangel (2009) e Yunes (2015).

Dessa maneira, este trabalho poderá contribuir para uma reflexão acerca da importância de em se trabalhar as diversas formas de leituras no processo de ensino-aprendizagem e desmistificar o conceito do ensino da literatura enraizada no sistema escolar.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA DE LEITURA

Entendemos por conceito de leitura a ação ou o ato de ler. De modo generalizado, ao pensar em leitura, logo imaginamos os escritos embutidos em livros, capazes somente de serem lidos por sujeitos alfabetizados. Porém, a leitura está além de apenas palavras escritas, sendo possível ser interpretadas até mesmo por sujeitos não alfabetizados, mas de certa forma letrados já que é possível que um indivíduo seja letrado mesmo sem ter sido alfabetizado, por conta dos letramentos sociais e culturais, ou seja, seus conhecimentos de mundo.

Para reforçar tal argumento, o autor Paulo Freire em sua obra “A importância do ato de ler” (1988) aborda justamente sobre a leitura, suas causas e efeitos. Freire começa a obra relatando sobre sua infância, relembrando cenas que marcaram sua vida e formaram sua trajetória de leitura mesmo antes de ser alfabetizado. Afirma o autor “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, com essa afirmação revela que as experiências do mundo antecedem as experiências das palavras, de forma que a palavra vem para completar essa leitura de mundo.

Freire traz alguns exemplos para reforçar seus argumentos, ele vai dizer que ao ser alfabetizado o sujeito consegue fazer relação da palavra escrita com sua experiência existencial, dessa forma, ao ler a frase “João comeu a maçã”, logo o sujeito imaginará a maçã sendo comida, essa imaginação é possível porque o sujeito em sua leitura de mundo conhece o que é uma maçã. Além disso, Freire também faz uma crítica sobre o sistema escolar, ele afirma que como professor ele pôde perceber que a escola trabalha com um tipo de leitura mecanizada, ou seja, é feita uma leitura somente para memorização do que está sendo lido, sem nenhum interesse real.

A escola costuma trabalhar a leitura de forma descontextualizada, não traz uma abordagem completa e isso acaba deixando a leitura vaga, fazendo com que o aluno apenas decore o que não resulta em uma produção de sentido e conhecimentos. O autor ainda alerta aos professores a importância de se trabalhar a leitura de forma correta, mostrando que ela perpassa de palavras escritas em livros, os alunos precisam entender que a leitura pode ser encontrada de diversas formas, em uma pintura, em uma imagem, nas expressões faciais, no olhar, no sorriso, até mesmo na fala e nas performances.

Partindo do pressuposto de que a escola possui uma prática didática quanto à leitura de forma limitada, é possível perceber que o ambiente escolar enfrenta múltiplos desafios, dentre tantos, a falta de incentivo pela leitura. Dessa maneira, Rangel (2009) afirma que a escola ainda não descobriu um potencial mágico para a prática de ler, sendo as leituras trabalhadas em sala de aula de formas mecanizadas e totalmente esvaziadas de sentidos.

Percebe-se que nas aulas de Língua Portuguesa e Literaturas, em sua maioria, são sempre ligadas ao ensino de regras gramaticais ou ao ensino da leitura num viés restrito para identificar personagens, tempo da narrativa, características dos autores das obras, tudo isso utilizando o livro didático impresso, para obtenção de notas avaliativas. Nisto consiste a leitura mecanizada, mencionada anteriormente.

Para Cosson, “não se lê sempre do mesmo jeito e precisamos exercitar diversos modos de ler para desenvolver a nossa competência de leitor” (2014, p. 46). Desse modo, podemos afirmar que existem várias formas de se ler, ao lermos um jornal, uma carta, um anúncio, a resenha de um filme, um artigo, as mensagens de textos nas redes sociais ou até mesmo uma bula de

remédio ou receita de um bolo, estamos assim praticando a leitura, ela está em toda a parte e não apenas nos livros. No mundo tecnológico em que vivemos é possível sim criar hábitos de leituras, nem que seja de forma inconsciente fazemos o uso da leitura a todo tempo em nosso cotidiano.

Irândé Antunes em seu livro intitulado “Aula de Português” (2003) aborda como tem sido encarada a oralidade dentro do âmbito educacional, sendo que essa não possui muita oportunidade de ser explicitada em sala de aula, o que acaba ocasionando uma omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar. Sobre isso, a autora destaca que muitos têm a ideia equivocada de que os usos orais da língua são tão usados na vida cotidiana que não precisaria ser apresentado como prática didática. Irândé então oferece subsídios para professores que desejam explorar a oralidade em suas aulas, dentre uma das implicações pedagógicas apresentadas pela autora, têm-se: a questão de se trabalhar a oralidade para apreciação de momentos da estética própria da literatura improvisada, como de cantadores e repentistas; a oralidade orientada para desenvolver a habilidade de escutar com atenção e respeito os mais diferentes tipos de interlocutores; uma oralidade para se reconhecer o papel da entonação, das pausas e de outros recursos do ato performático; uma oralidade para facilitar o convívio social e para a variedade de tipos e de gêneros de discursos orais. Tais pontos podem ser articulados pelos professores em suas práticas, bem como, podem contribuir para a aprendizagem dos estudantes de forma a serem estimulados oralmente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN) (1997) e a Base Nacional Comum Curricular (2017) abordam a oralidade como que algo que deve ser desassociado da escrita, em outras palavras, nas frases e textos impressos produzidos pelos estudantes, não devem ser reconhecidos e legitimados marcas da

oralidade, como termos e gírias que podem ser utilizados na linguagem informal. Contudo, ressaltam também a importância da realização de atividades que tenham como objetivo despertar a escuta sensível nos estudantes e a produção de textos orais. Portanto, encara-se aqui, a contação de história como uma das práticas fundamentais para que esses objetivos sejam alcançados.

É possível afirmar que trazer a contação de histórias para as aulas é representar sujeitos que por vezes foram silenciados nos meios escolares e acadêmicos por não privilegiarem a escrita, mas sim a oralidade como principal meio de transmissão de seus saberes. Apesar de reconhecer o espaço que a escrita ocupa no contexto educacional, torna-se relevante mencionar que a oralidade ainda pode ser utilizada como prática didática utilizada por docentes.

O professor pode optar por histórias que façam sentido para os alunos, de forma que esses possam compreender aquilo que está sendo narrado, queiram transmitir aquilo que foi ouvido mesmo que fora dos muros da escola, já que o papel do educador não se restringe à sala de aula, mas também formar cidadãos que possam intervir na sua realidade.

Não há contador que possa contar alguma história maravilhosa que não esteja sendo recriada no imaginário (YUNES, 2015, p.49). Isso reflete que o professor enquanto conta uma história está criando-a de acordo com aquilo que é sugerido pela sua subjetividade, tendo que adequar a linguagem utilizada de acordo com os estudantes que estarão ouvindo a narrativa. Em contrapartida, após terem conhecimento e dado ouvidos para o que foi narrado, tais estudantes podem recriar as histórias de acordo com seu imaginário e lugar de fala, possibilitando assim, que haja produções orais realizadas dentro do contexto escolar e

que venha repercutir também para além dos muros da escola. Cabe destacar também que as histórias escolhidas para apresentações podem não ser apenas aquelas encaradas como encantadas, nas quais os personagens são seres místicos que muito se distanciam da realidade vivida pelos estudantes. As narrativas podem ser acontecimentos do cotidiano, o que até permite que haja um melhor diálogo com a turma, já que os alunos podem se sentir representados, fazendo relações com aquilo que é transmitido e o que ele vivência em seu dia a dia.

Portanto, conclui-se que o uso da contação de histórias é uma prática eficiente para constituição do sujeito leitor, independentemente de sua faixa etária. Cabe também ao professor fornecer subsídios para a produção oral dos estudantes, ou seja, reservar tempo para orientações de como devem proceder no momento de criarem suas narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema escolar atualmente agrega uma prática de leitura mecanizada e esvaziada de sentidos, onde o aluno tem contato com uma leitura decorativa. Dessa forma, pensando em uma possibilidade de sanar esses problemas encontrados no processo de ensino e aprendizagem da leitura, pensa-se que a contação de história pode ajudar a desconstruir essa mecanização e construir uma prática de forma mais lúdica que venha de certa forma atrair os estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

A Contação de histórias geralmente se caracteriza como um trabalho de encantamento por meio de uma narração literária oral vocalizada por um contador, mas a contação de história não é apenas um encantamento para o público infantil, ela é capaz de proporcionar experiências que atravessam o ser humano e essa

experiência permite criar ou recriar cenas que provocam sensações, afetando os sentidos e sentimentos dos ouvintes.

Portanto, contar histórias na escola desde o público infantil dos anos iniciais até os anos finais do ensino médio é uma prática essencial a ser pensada e aplicada nas instituições escolares, pois a contação de história irá permitir com que o aluno participe de uma prática de leitura de forma lúdica sem ter que vivenciar a leitura mecanizada que é realizada nas escolas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português - encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental: Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 1997.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. *Leitura na escola: espaço para gostar de ler*. Porto Alegre: Mediação, 2009. 176 p.

YUNES, Eliana. Da interface às interações entre oralidade e leitura. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs). *Contar histórias: uns passarão e outros passarinho*. Joinville-SC: Editora Univille, 2015.